

TERÇA-FEIRA

Missão com compreensão e empatia

Ean Nugent

Empenharmo-nos na missão com compreensão e empatia é dizer às pessoas aquilo que a sua alma necessita de ouvir de um modo que elas possam melhor entender.

“Desculpe-me, senhor. Está salvo?” – Eu desviei-me da minha rápida corrida pela mercearia para encarar um empenhado jovem que estaria na casa dos vinte anos.

“Desculpe?” – respondi eu, sem saber se tinha ouvido corretamente a sua pergunta.

“Está lavado no sangue do Cordeiro?” – foi a sua pergunta seguinte. Antes de eu poder responder “Sim”, o sófrego evangelista apresentou em dois minutos um sumário do Evangelho, repleto com termos teológicos. Finalmente, consegui convencer o jovem de que eu já era Cristão.

Enquanto fazia as minhas compras, refleti sobre aquele encontro. Eu admirei a coragem e a ousadia do homem – ele parecia não ter qualquer medo da rejeição ou da desaprovação –; no entanto, senti-me inquieto, até mesmo triste. Interroguei-me sobre quantas pessoas se mostrariam desinteressadas por causa da sua abordagem. Quem é que, à exceção de Cristãos nascidos de novo, saberia o que significava a frase “ser lavado no sangue do Cordeiro”? Infelizmente, o jovem possuía muito zelo, mas faltava-lhe sensibilidade para perceber as características da audiência que pretendia alcançar. Eu temi que a forma de comunicação que ele escolhera, embora pudesse alcançar algumas pessoas, tornaria perplexa ou alienaria a grande maioria dos seus potenciais conversos.

Falar a linguagem

Ao tentarmos cumprir a nossa missão de proclamar a última mensagem de misericórdia ao mundo, é muito natural que tentemos comunicar esta mensagem a partir da perspectiva das *nossas* preferências, das *nossas* experiências pessoais e das *nossas* necessidades pessoais. No entanto, se deixarmos de compreender e de comunicar a partir das perspectivas daqueles que procuramos atingir, a nossa mensagem será estranha para eles. Devemos procurar compreender as *suas* preferências, as *suas* experiências pessoais e as *suas* necessidades pessoais. Depois, baseando-nos nelas, devemos procurar comunicar a mensagem de um modo que eles possam compreender.

Esta abordagem pode ser resumida pelas palavras de Paulo: “E fiz-me como judeu para os judeus [...]; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei [...]; para os que estão sem lei, como se estivesse sem lei [...]; fiz-me tudo para todos, para, por todos os meios, chegar a salvar alguns” (I Coríntios 9:20-22).

Paulo primeiro esforçou-se por compreender a audiência que pretendia alcançar: os Judeus, aqueles que estavam sob a lei, aqueles que estavam sem lei e “todos” os demais. Depois, ele esforçou-se por comunicar a partir das perspectivas destes grupos. O exemplo de Jesus leva-nos ainda mais além. Enquanto Paulo, nesta passagem, identifica grupos de pessoas, Jesus aplicou este método a indivíduos.

O Senhor deseja que a Sua palavra de graça seja compreendida por toda a alma. Em grande medida, isto deve ser realizado através de trabalho pessoal. Este era o método de Cristo. A Sua obra foi constituída, em grande parte, por entrevistas pessoais. Ele tinha grande consideração pela audiência constituída por uma só alma.

Para além dos grupos de pessoas, Jesus esforçou-Se para compreender a siro-fenícia como pessoa (Marcos 7:24-30), o Fariseu como pessoa (Lucas 11:37-44), o cobrador de impostos como pessoa (Lucas 19:1-10), o paralítico como pessoa (João 5:1-15) e a mulher adúltera como pessoa (João 8:1-11), entre outros. Depois, tendo-os compreendido, Jesus comunicou com eles a partir da respetiva perspectiva individual.

Se queremos ter sucesso na nossa missão, devemos seguir este método. Devemos primeiro esforçar-nos para compreender o membro de família, o vizinho, o colega de trabalho, o amigo, o inimigo, e “todos” de modo individual. Depois devemos esforçar-nos por comunicar a mensagem a partir da respetiva perspectiva individual.

Embora nunca possamos compreender plenamente a perspectiva das outras pessoas, podemos progredir significativamente em direcção a este objetivo usando as seguintes perguntas: Quais são as suas mais fortes preferências? Quais têm sido e quais são presentemente as suas experiências de vida com mais impacto? Quais são as suas necessidades mais significativas? Depois de nos esforçarmos pacientemente por obter respostas a estas perguntas, devemos esforçar-nos por discernir a interseção entre as respostas obtidas e a mensagem. Tendo assim efetuado este esforço, estamos melhor equipados para realizar a nossa missão com a compreensão e a empatia de Jesus.

Obter sucesso à maneira de Jesus

A Bíblia fornece muitos exemplos desta abordagem. Em II Samuel 12, Natã foi enviado a David com uma mensagem. Como é que podia ele comunicar a este poderoso rei a pecaminosidade do seu pecado? Natã empregou o seu conhecimento da resposta à nossa primeira pergunta. Natã sabia que David, o antigo pastor, amava as suas ovelhas. Ele também sabia que David, autor do Salmo 12, não gostava mesmo nada da “opressão dos pobres” (Salmo 12:5). Ao discernir uma interseção entre estes factos e a sua mensagem, Natã foi capaz de comunicar eficazmente a sua mensagem.

Outro exemplo desta abordagem é o encontro de Jesus com a mulher samaritana descrito em João 4. Após o encontro,

ela descreveu Jesus como “um homem que me disse tudo quanto tenho feito” (João 4: 29). Ela declarou que isto confirmava que Ele era o Messias (veja também João 4:30). É claro que Jesus não lhe disse literalmente *tudo* o que ela tinha feito. Em vez disso, Ele identificou as *experiências de vida dela com mais impacto*: os seus anteriores casamentos falhados e a sua presente relação ilícita. Depois, Ele comunicou a interseção entre estas experiências e a mensagem da Sua messianidade ao interagir com ela de modo amoroso e respeitoso, apesar do Seu perfeito conhecimento sobre estas experiências.

Jesus convenceu-a de que Ele lia os segredos da sua vida; no entanto, ela sentiu que Ele era seu amigo, tendo compaixão dela e amando-a. Embora a própria pureza da Sua presença condenasse o pecado dela, Ele não proferiu palavras de denúncia, mas falou-lhe da Sua graça, que podia renovar a alma dela. Ela começou a ficar convencida sobre o Seu caráter. A pergunta surgiu na sua mente: Não poderia Este ser o tão aguardado Messias?

Um exemplo final desta abordagem pode ser visto na conversa de Jesus com Nicodemos em João 3. Jesus discerniu que a necessidade mais significativa de Nicodemos não era uma resposta aos argumentos populares contra a messianidade de Jesus (veja João 7:50-52). Nem era uma apresentação do Evangelho que seria mais agradável à sua mente altamente educada e religiosa. Embora Nicodemos tivesse podido desejar tais abordagens, a sua mais significativa necessidade era semelhante à do pescador sem estudos ou à das prostitutas sem religião. Ele tinha de reconhecer a sua necessidade de uma completa reforma da mente, dos propósitos e dos motivos: a sua necessidade de nascer de novo (João 3:7).

Constrangidos pelo amor

Isto coloca em destaque uma lição preciosa. Empenhar-nos na missão com compreensão e empatia não significa que digamos às pessoas o que os seus ouvidos querem ouvir da forma como elas querem ouvir. Em vez disso, à semelhança de Jesus, procuramos dizer-lhes o que a sua alma precisa de ouvir da forma que elas melhor podem compreender.

Quais são as suas preferências mais fortes? Quais têm sido e quais são presentemente as suas experiências de vida com mais impacto? Quais são as suas necessidades mais significativas? Comunicar no contexto destas perguntas *capacita-nos* a nos empenharmos na missão com compreensão e empatia. Mas o que nos *motiva* a fazer isto? Nas palavras de Paulo, “o amor de Cristo nos constrange” (II Coríntios 5:14).

Ao meditarmos no terno amor que Jesus pacientemente nos ofereceu individualmente, o nosso desejo de oferecer esse amor aos outros aumentará naturalmente. Ao meditarmos sobre os diversos modos pelos quais Jesus procurou comunicar conosco através das *nossas* mais fortes preferências, através das *nossas* experiências de vida mais fortes e através das *nossas* necessidades mais significativas, o nosso desejo de comunicar com os outros a partir das perspectivas pessoais *deles* aumentará naturalmente. Ao pleitearmos fervorosamente com Deus pelo prometido derramamento do Seu amor no nosso coração através do Seu Espírito Santo (Romanos 5:5), receberemos mais e mais desse amor que nos motiva a seguir nesta direção. Pela graça de Deus, podemos comunicar a verdade eterna de formas que são relevantes para os nossos amigos e vizinhos.

Ean Nugent é criador de *software* ao serviço da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Questões para refletir e partilhar

1. O que acha mais assustador no processo de comunicar o Evangelho àqueles com quem tem pouco em comum?
2. É amigo de alguém com quem tem poucas semelhanças religiosas ou culturais? Descreva brevemente essa amizade.
3. Como pode saber quando é apropriado “passar à fase seguinte” na sua tentativa de partilhar Cristo com os outros?